

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL – PUCRS
FACULDADE DE FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS HUMANAS
DOUTORADO EM FILOSOFIA**

Fabiano Pures Paes

**ELEMENTOS DA FUNDAMENTAÇÃO DO TRABALHO EM HERBERT
MARCUSE E SEUS EFEITOS NA LÓGICA SOCIAL DO CONSUMO
FUNDAMENTADA POR JEAN BAUDRILLARD**

**PORTO ALEGRE/RS
2010**

**ELEMENTOS DA FUNDAMENTAÇÃO DO TRABALHO EM HERBERT
MARCUSE E SUAS RELAÇÕES NA LÓGICA SOCIAL DO CONSUMO
FUNDAMENTADA POR JEAN BAUDRILLARD**

**Tese referente ao Curso de
Doutorado em Filosofia da
Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul, orientado
pelo Prof. Doutor Roberto Pich.**

**PORTO ALEGRE/RS
2010
FABIANO PURES PAES**

RESUMO

Os resultados do trabalho humano e todos os seus efeitos são percebidos na sociedade de consumo não somente como a ferramenta que proporciona a afluência para o desfrute dos indivíduos que dela participam, mas também como elemento determinante do comportamento individual, enquanto participante observador do modelo. Este estudo visa apresentar uma possível continuidade das ideias de Marcuse relacionadas a alguns elementos de sua fundamentação do trabalho dentro do sistema de produção com a sociedade de consumo, dos bens gerados por este trabalho e fundamentada por Jean Baudrillard.

ABSTRACT

The results of the human work and all its effects are perceived in the consumption society not only as the tool that provides the affluence for it also enjoys of the individuals that of it participates, but as determinative element of the individual behavior while participant observer of the model. This study it aims at to inside present a possible continuity of the related ideas of Marcuse to some elements of its recital of the work of the system of production with the society of consumption of the goods generated for this work and based by Jean Baudrillard.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 ELEMENTOS DA FUNDAMENTAÇÃO DO TRABALHO EM HERBERT MARCUSE	15
1.1 O trabalho como acontecimento da existência	15
1.2 Produção e Reprodução	17
1.3 Ser-objeto e ser-próprio: a presença de um passado atuante e historicidade	19
1.4 Divisão do trabalho	23
1.5 Tecnologia, trabalho e formas de controle	27
1.6 As relações do trabalho e estado do bem-estar social com um estado beligerante	35
2 ELEMENTOS DE UMA CULTURA AFIRMATIVA COMO PRÉ-CONDIÇÃO PARA O CONSUMO	41
2.1. Caráter afirmativo da cultura de inclusão ao consumo pelo trabalho	42
2.2. Tolerância Repressiva	46
2.3. Educação para conformação do trabalho	51
2.4 O trabalho e as causas da destrutibilidade ecológica: a visão freudiana de Marcuse	54
3 SOCIEDADE DE CONSUMO	59
3.1 A busca da felicidade pela ideologia igualitária do bem-estar	63
3.2 O Sistema de Objetos	68
3.3 O medo como ferramenta de administração do trabalho e consumo	72
3.4 Todos os homens são realmente iguais diante do tempo e da morte?	80
3.5 A Fadiga Endêmica como efeito da Sociedade de Consumo	85
3.6 A Ilusão Vital	88
4 CONCLUSÃO	91
5 REFERÊNCIAS.....	101

INTRODUÇÃO

A sociedade industrial está cada vez mais rica, maior e melhor, ao mesmo tempo em que perpetua o perigo com a maneira pela qual está organizada e pela forma como organiza os seus membros. Muitas facilidades estão disponíveis ao ser humano no mesmo momento que o domínio do homem sobre a natureza foge do controle. Os meios de comunicação de massa não encontram dificuldades de vender seus particulares interesses, bem como os interesses políticos da sociedade se convertem em aspirações individuais, e o bem-estar dos negócios se transforma em um bem-estar geral.

Tudo o que nos cerca se transforma em mercadoria e, como resultado, todo o discurso sobre as necessidades está assentado em uma ingênua antropologia de propensão natural à felicidade. Com todas as possibilidades do bem viver disponíveis, os valores dos seres humanos foram adaptados para uma nova concepção de desfrute dos objetos e espiritualidades de prateleira, dentro do gigantesco vazio da lógica do consumo. O buscar conhecer a si mesmo é uma espécie de crime que contradiz esta lógica, que dispõe de mecanismos organizados para o hedonismo do consumo e uma lógica de bemestar. A possibilidade da não participação humana, neste contexto, gera sentimentos apavorantes, pois seria uma espécie de contradição à lógica do mundo: aos abatidos pelo fracasso, à marginalidade.

Nós nos transformamos em sujeitos abstratos, que se apresentam uns aos outros, através das atividades que executamos, pela importância e valor que agregamos dentro do grande modelo, pela qualidade do retorno que podemos dar, ou pelos nossos acessos credenciados dentro da sociedade de consumo. Somos assentados ao medo crônico da perda do emprego, já que a sua perda não somente nos retira uma identidade, mas também nos gera angústia pela não possibilidade de estarmos inseridos dentro da sociedade de consumo.

A mesma tecnologia criada pelo homem para seu conforto e sua satisfação já produz ao homem ameaças sem solução, uma vez que transformou as organizações do emprego em organizações sem emprego, um capitalismo sem trabalho.

Portanto, a possibilidade da perda de emprego não somente é uma realidade atual como um movimento sem volta. Seremos atingidos por ela agora ou em pouco tempo.

Herbert Marcuse iniciou uma reflexão sobre este cenário em suas construções filosóficas, focando, especialmente em sua fase mais madura, nos efeitos do desenvolvimento não controlado da tecnologia, no racionalismo dominante nas sociedades modernas, nos movimentos repressivos das libertações individuais e nos movimentos para o aniquilamento da razão.

A tese fundamental de sua obra mais valiosa, *O Homem Unidimensional*, é a de que a tecnologia das sociedades industriais mais adiantadas desenvolveu mecanismos suficientes para eliminar o conflito, absorvendo em sua estrutura potenciais vozes de dissensão ou emancipação.

A unidimensionalidade do homem não possibilita que ele perceba de quais são realmente as suas necessidades. Se necessidades falsas o guiam, este se tornou o homem passivo, uma vez que nele foram inseridos interesses particulares que, ao mesmo tempo em que lucram com a sua repressão, reafirmam um estado de bem-estar. O trabalho subordina o homem a uma lei alheia e se formata como um instrumento de acesso e possibilidade social: o trabalho objetiva o homem e cria um potencial de acesso às necessidades que o assolam diariamente.

Nesse contexto, se faz mister a introdução da obra de Jean Baudrillard, que buscou um minucioso esclarecimento das causas e efeitos da lógica social do consumo e, de certo modo, aprofundou muitas análises anteriormente iniciadas por Marcuse. Baudrillard, como um filósofo da inconformidade e da fatalidade, promove pensamentos que atravessam formas e convenções, e descobre as aparências reconfortantes e as verdades mortas. Em sua obra dissecou a superficialidade das instituições, dos estereótipos e dos objetos. Reflete sobre o poder dos objetos e os valores ao seu entorno, de como a sociedade se projeta ao seu consumo, analisando os efeitos sociais destes movimentos.

Marcuse observava que sociedade de consumo talvez não fosse uma expressão adequada, já que em seu tempo, a organização da sociedade de consumo girava em torno da produção. Em Baudrillard, a sociedade que trabalha é a sociedade que consome e que desaparece, já que a lógica do consumo absorve a sua própria racionalidade e origem. Um mundo fanático pela técnica, pelo desempenho, pelo consumo, pelo real e, conseqüentemente alienado foi analisado por ambos.

Em seu tempo, Marcuse presenciou a construção dos primeiros pilares do que hoje observamos como sociedade industrial. Os fundamentos do que viria a se transformar esta sociedade estavam sendo construídos. Até mesmo a tecnologia, tema tão presente em sua obra, ainda não havia assumido a penetração social que presenciamos. A profundidade de sua análise, porém, possibilita que a sua obra seja extremamente necessária para entendermos os fenômenos que nos prendem aos mecanismos irracionais do trabalho e do conseqüente consumo sem medida. É até mesmo possível encontrarmos em sua obra preocupações que apenas atualmente consideramos relevantes, como por exemplo, os impactos ambientais causados pelo homem e por seus mecanismos de extração para a transformação industrial e consumo desmedido.

Baudrillard, por outro lado, acompanhou a evolução desta sociedade industrial aos padrões de consumo que hoje conhecemos. Identificou o desaparecimento do ser em prol do objeto que hoje desempenha um papel dramático e que desbarata qualquer simples funcionalidade. Dizia que para entender os fenômenos extremos em que se sustenta nossa sociedade teria que se converter, ele mesmo, ao fenômeno extremo, abandonando qualquer pretensão crítica e dialética, sem qualquer esperança racional, tornando-se semelhante às imagens do mundo.

Descreveu o excesso de realidade em que vivemos, a nossa condição de excesso e a nossa tentativa de superação do real e da própria ficção. As maiorias silenciosas e individuais, que sabotam o exercício de poder e que não permitem que se fale em seu nome, se confortam em uma alienação consumista. Pelo objeto, o sujeito desaparece e permite que a lógica econômica navegue sem bússola e predição, enquanto as necessidades e desejos são substituídos por estímulos econômicos de consumo.

O presente texto visa partir de uma exposição dos elementos que compõem a fundamentação marcusiana do trabalho e buscar uma reflexão de como o trabalho foi determinado, de forma a balizar todos os movimentos de perpetuação da sociedade industrial. Como consequência desses movimentos, e, de certa forma, como objetivo fim da sociedade industrial, o entendimento das determinações do consumo e de como elas nos são introjetadas, possibilita entender o processo e de que maneira essa grande integração é forjada e, conseqüentemente, como os sentimentos são embotados a ponto de impedir o desenvolvimento das faculdades de emancipação.

A sociedade de consumo analisada por Baudrillard tem na sociedade industrial marcusiana a fundamentação para o entendimento de como a perpetuação das necessidades de consumo são facilmente alçadas. Isso pode ser dito, mesmo que não exista uma relação direta ou histórica de dívida de um autor em relação ao outro, mas uma relação teórica, já que ambos praticam uma ideologia social.

Como meta filosófico-teórica está a tentativa de realização de um apontamento, que mostra não somente a atualidade de Herbert Marcuse, mas também sua comunicação com a sociedade de consumo descrita por Baudrillard. Faz-se, assim, uma tentativa de construir argumentos e ferramentas filosóficas para uma avaliação macro da sociedade, segundo o ponto de vista desses dois autores.

Para um melhor entendimento dessa proposta de trabalho foram desenvolvidos três capítulos teórico-conceituais, que pretendem deixar explícito o caráter transdisciplinar adotado, motivado pelo próprio processo de escrita amplo, adotados por Herbert Marcuse e Jean Baudrillard.

No primeiro capítulo são levantados alguns elementos que compõem a fundamentação marcusiana de trabalho. Quer-se obter, com isso, a visualização de alguns impactos do mesmo perante o processo de alienação do indivíduo, bem como os métodos de controle, elaborados pela sociedade industrial de forma a massificar suas ideias e limitar a possibilidade do desenvolvimento de valores emancipatórios.

Foi reservada para o segundo capítulo uma tentativa de aproximação entre Marcuse e Baudrillard, seguindo a ideia de que o primeiro proporciona elementos de como o trabalho dentro da sociedade industrial fundamenta a inativação do homem, tornando-o suscetível ao consumo e à convivência com necessidades que não são suas. Para isso, a cultura se afirma, com ferramentas de controle aprimoradas, para um processo de controle límpido e onde o medo é instituído.

Por último, desenvolve-se um capítulo que procura aprofundar as lógicas do consumo, complementando algumas ideias iniciadas em capítulos anteriores, utilizando, como base, as teses de Baudrillard. Os movimentos do trabalho dentro do circuito do consumo e as perspectivas de felicidade incitadas por essa ordem são aprimorados com ideias de possibilidades de controle, anteriormente mostradas.

CONCLUSÃO

A sociedade afluyente entrega-se às suas mercadorias, como um modelo de comportamento e de pensamento. Ao reduzir a autodeterminação, condensando a linguagem e embotando o pensamento, criam-se novas e falsas necessidades e a maioria se rende ao estabelecido, barrando pensamentos, fazendo com que não se veja alternativa para o modo como a vida é organizada¹⁶³. A exposição obscena da sociedade afluyente não provoca vergonha, nem culpa, apesar deste modelo social violar alguns dos mais fundamentais tabus de nossa civilização¹⁶⁴.

Uma nova sociedade, para Marcuse, deveria ser pensada Segundo outros critérios: o modelo não é uma sociedade de consumo, caracterizada pelo desperdício e pela ânsia de aquisições. A alternativa histórica, segundo o filósofo, seria a utilização planejada dos recursos para a satisfação das necessidades vitais, com o mínimo de labuta, transformação das horas de lazer em tempo livre, pacificação da luta pela existência.

Acredito que a submissão do homem ao trabalho sera suprimida e que as forças produtivas e os meios de produção sejam administrados e determinados em bases verdadeiramente democráticas pelas pessoas que devem beneficiar-se deles. [...]

Acredito que com o passar do tempo a enorme contradição entre, por um lado, a riqueza social, o que a sociedade realmente pode se permitir em termos de legítima satisfação de necessidades, e, por outro, a utilização miserável e destruidora dessa riqueza, que esta contradição com o passar do tempo, precisa encontrar consciência e que evidentemente se tornará mais aguda, possivelmente fazendo explodir a consciência. Já existem sinais disso.¹⁶⁵

¹⁶³ CAMPOS, M.T.C. Marcuse – Realidade e Utopia. São Paulo: Annablume, 2004. p.15.

¹⁶⁴ KELLNER, D. Marcuse and the Quest for Radical Subjectivity, in ABROMEIT, J.(org) e COOB, W.M

Segundo Marcuse, a rentabilidade produtora e a luta pelo consumo têm um grande papel estabilizador ao fixar à libido das pessoas a boa marcha do sistema. Estas sociedades opulentas liberam nos indivíduos uma grande quantidade de energia agressiva, é necessário então dominar o inimigo exterior e interior para que este absorva a destrutibilidade inconsciente. Uma vez que a economia se acelera tecnicamente e se internaliza, a mobilização armada e psicológica se acentua¹⁶⁶.

A sociedade de consumo aparece repressivamente (exatamente porque promove a satisfação das necessidades que requerem continuação, trabalhando com e pelos meios de produção), atendendo necessidades contemporâneas, reiterando o caráter afirmativo vigente. Interpretando Ernst Bloch, Marcuse se utiliza da ideia de Utopia Concreta que se refere a uma sociedade em que os homens não precisam mais viver sua vida como um meio para conquistar existências alienadas: utopia, porque tal sociedade ainda não existe em parte alguma até hoje; concreta, porque tal sociedade representa uma possibilidade histórica real¹⁶⁷.

Marcuse sinaliza contra forças que se opõem à unidimensionalidade do consumo, já que a “única saída para uma repaginação desse cenário é que os próprios consumidores abandonem essa espécie de consumo [...] voltando assim à interiorização ad oposição. A oposição à sociedade de consumo precisa vir de dentro, de fora não há o que fazer” ¹⁶⁸.

Sob uma “satisfação compensatória”, os indivíduos inertes apoiaram seus líderes, até mesmo quanto à ameaça de autodestruição, pois, na sociedade industrial

(org). Herbert Marcuse: A critical reader. New York: Routledge, 2004, p.125.

¹⁶⁵ MARCUSE, Herbert: A Grande Recusa hoje. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1998, p. 16-17.¹⁶⁶ GUASP, J.T. e MORENO, C.R. Marcuse, Fromm, Reich: El Freudomarxismo. Madrid: Editoria Cincel, 1985, p.149.

¹⁶⁷ LOUREIRO, Isabel (org.) MARCUSE, Herbert: A Grande Recusa hoje. Rio de Janeiro: Ed. Rio de Janeiro: Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1998, p. 161.

¹⁶⁸ Ibidem, p. 183.

avançada, a satisfação está sempre ligada à destruição: contínua violação da natureza, procura incessante de novas fontes de energia, envenenamento do meio ambiente. Todos, resultados de uma expansão global, apoiada cegamente pela manipulação massiva e progressiva para a destrutibilidade.

As compensações apropriadas, geradas pelo caráter afirmativo, Segundo Marcuse, anestesiam a análise ampla da ideia de destrutibilidade, já que esta ideia não se refere apenas à destruição de recursos naturais de satisfação e humanos para geração de satisfações; mas também a destrutibilidade que envolve questões de cunho mais amplo, como a flexibilidade para invocação da destrutibilidade para qualquer assunto de “interesse nacional” patrocinado pelo crescimento vertiginoso da indústria bélica e seu aparato midiático para este fim¹⁶⁹.

Qualquer oposição a este modelo não se mantém facilmente, pois deve estar baseada numa tentativa de análise e exaltação dos próprios problemas, preocupação com os próprios impulsos e com a própria psique: um retorno para dentro de si que abre e recaptura uma nova dimensão de transformação social, uma política na primeira pessoa. A possibilidade de transformação passa pelos indivíduos que, atuando em grupos ou não, permanecem como os agentes da transformação histórica.

Marcuse diz que a rebelião contemporânea de pequenos grupos se caracteriza por uma frequente tentativa desesperada de reagir à negligência em relação ao indivíduo que se encontra na prática radical tradicional. Segundo ele, essa política, na primeira pessoa, reage a uma sociedade de integração eficaz, onde o processo de introjeção afirmativa nivela os indivíduos na superfície e suas necessidades e aspirações introjetadas são universalizadas; tornando-se gerais e comuns a toda a sociedade, porém, esta mudança pressupõe uma desintegração desta universalidade¹⁷⁰.

¹⁶⁹ Ibidem, p. 140.

Uma transformação cultural seria o objetivo. Marcuse manteve a esperança em uma alternativa como uma resposta ao domínio crescente da racionalidade tecnológica e as falhas da classe operária na tentativa de realizar uma nova ordem política emancipatória¹⁷¹.

Para uma sociedade mais rica, as questões mais importantes seriam a cultura, a liberdade e a autenticidade pessoal, contra a eficiência completa a produção incessante de bens de consumo. Nesta visão, trabalhadores qualificados, técnicos e especialistas se mostrariam insatisfeitos com as regras unidimensionais, pressionariam por maiores espaços e participações nas decisões, demandando maiores integrações sociais e autogerenciamento que culminariam em uma nova estrutura técnica e econômica dentro da sociedade técnica e de consumo¹⁷². Mesmo que a hierarquia e a burocracia vigente argumentassem contra a impossibilidade de tal desdobramento, Marcuse sinaliza que este modelo não necessita dessas formas burocráticas e autoritárias de decisão, já que o mesmo poderia ser repensado e organizado de forma que a hierarquia da administração e decisão autoritária não partisse de uma hierarquia de dominação e alienação¹⁷³.

O trabalho poderia ser ao mesmo tempo produtivo e criativo, sem os severos elementos de dominação e alienação. O ser humano, em uma não excedente ordem social repressiva, não necessitaria se sacrificar no trabalho podendo até mesmo aproveitar-se a si próprio (e não falsamente) em seu tempo pós-trabalho. A raiz da reinterpretação de Marcuse sobre os conceitos marxistas de trabalho e lazer converge para um espaço onde o ser humano se engajaria em um trabalho útil sem abandonar sua criatividade individual¹⁷⁴.

¹⁷⁰ LOUREIRO, Isabel (org.) MARCUSE, Herbert: A Grande Recusa hoje. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1998, p. 150.

¹⁶⁹ Ibidem, p. 140.

¹⁷¹ BRONNER, S.E. Of Critical Theory and its Theorists. Cambridge & Oxford: Blackwell, 1994, p. 251.

¹⁷² GOLDMANN, L. Understanding Marcuse. In BERNSTEIN, J. The Frankfurt School – Critical Assessments. London and New York: 1994, Vol. IV, p.131.

¹⁷³ AGGER, B. Work and Authority in Marcuse and Habermas. In BERNSTEIN, J. The Frankfurt School – Critical Assessments. London and New York: 1994, Vol. V, p.90.

Essa nova realidade pressuporia uma transmutação dos interesses das

satisfações compensatórias por uma atitude emancipatória, que já está presente, mas se apresenta distorcida e reprimida. As ações necessárias para a confirmação da emancipação passam por uma análise crítica da redução do trabalho socialmente gerado para criação e compensação das necessidades afirmativas em favor do trabalho criativo; qualificação do tempo livre e autônomo para não somente afirmar esta nova lógica, mas reinventar o lazer dirigido; por fim, a representação de papeis; redução do “barulho constante ad produção”¹⁷⁵.

Essa transformação para ele seria historicamente possível, porém, além das questões já apresentadas, como o poder opressivo e a força compensatória da sociedade estabelecida com suas vantagens introjetadas, a análise das raízes desta repulsa pelos próprios indivíduos a esta alternativa pode ser analisada. O impulso primário de morte e destruição é movido pela tentativa do retorno à satisfação e liberdade encontradas na vida uterina, ou seja, anterior à vida consciente.

A exteriorização deste impulso além do indivíduo é direcionado a outros seres vivos e a natureza, como um desvio para a morte. O esforço para um estado de libertação pertence a Eros, às pulsões de vida, que serviriam para a preservação e fortalecimento da vida, uma progressiva restauração tanto da natureza interna quanto externa aos seres humanos¹⁷⁶.

¹⁷⁴ AGGER, B. Work and Authority in Marcuse and Habermas. In BERNSTEIN, J. The Frankfurt School – Critical Assessments. London and New York: 1994, Vol. V, p.86.

¹⁷⁵ LOUREIRO, Isabel (org.) MARCUSE, Herbert: A Grande Recusa hoje. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1998, p. 150.

¹⁷⁶ Freud supõe que a civilização, reclamando a repressão dos instintos, nutre em seu seio o perigo da própria ruína. A vitória de Eros sobre Tânatos se consuma ao preço de uma precária contenção dos impulsos destrutivos. A tese de Marcuse consiste na afirmação de que na sociedade de massa, esse potencial, se acentua, pois no advento desta sociedade não existe um conceito outrora previsto na psicanálise, já que a sociedade se torna sem pai. Para ele, esta sociedade sem pai é percebida nos aspectos da transição da livre concorrência à competição organizada, o reforço da estrutura burocrática de poder, produção irracional e em série, o consumo em massa e a extensão do controle social a um número crescente de atividades antes privadas. Marcuse pensa que a sociedade contemporânea se dirige para um tipo de controle impessoal não mais mediatizados pelos superegos individuais. MERQUIOR, J.G. Arte e Sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin. Rio de Janeiro: Ed. Tempo Brasileiro, 1969, p.30.

Esta análise é uma tentativa de Marcuse quanto ao esclarecimento de que o

movimento ecológico não é somente um movimento político, mas também psicológico de libertação: político porque confronta o poder combinado do capital; psicológico porque a pacificação da natureza exterior passa por uma pacificação interior do homem¹⁷⁷.

Já existem condições técnico-produtivas para se construir uma nova sociedade e terminar, de uma vez, com as necessidades materiais da humanidade, porém, o marco repressor impede que se leve adiante esta tarefa. A análise que Marcuse faz ad automatização ilustra seu ponto de vista com relação a esta sociedade possível: a automatização se expressa com evidência contra o contraste de suas possibilidades benéficas e de seu adequado uso.

Ele poderia permitir um mundo não governado pelo trabalho obrigatório, que instiga a fadiga e tarefas embrutecedoras com o predomínio do tempo livre não administrado, porém, o nosso sistema econômico resiste em considerar qualquer movimento para a redução da jornada de trabalho e incrementar atividades criativas não consumísticas¹⁷⁸. O trabalho desqualificado como função produtiva se converte em objeto de uma exigência sem fim, de um direito inalienável a própria alienação, enquanto o destino negativo do escravo industrial está condenado a desaparecer¹⁷⁹.

A interpretação de Baudrillard, para o fascínio que o ser humano possui para os movimentos de desaparecimento das coisas, parece complementar a ideia de impulso primário para destruição citado por Marcuse: admiramos o desaparecimento do sentido, das mensagens, das referências. Criamos meios de circulação rápida, de objetos para exatamente fazê-los desaparecer, da mesma forma como intencionamos o desaparecimento do social, da política e até mesmo da própria da produção¹⁸⁰.

¹⁷⁷ Ibidem, p. 152.

¹⁷⁸ GUASP, J.T. e MORENO, C.R. Marcuse, Fromm, Reich: El Freudomarxismo. Madrid: Editoria Cincel, 1985, p.147.

¹⁷⁹ BAUDRILLARD, J. El Intercambio Imposible. Madrid: Ediciones Catedra, 2000, p.49.

¹⁸⁰ BAUDRILLARD, J. Game with Vestiges. In GANE, M. Baudrillard Live: Selected interviews. Londres e Nova York: Routledge, 1993, p.85

Para Baudrillard, o ritmo da mortalidade das espécies artificiais é ainda mais

rápido que o das espécies naturais. Ao tomar um curso artificial, nossa espécie pode estar marchando ainda mais rapidamente em direção ao seu próprio declínio. Tudo isso decorre de um fato relatado por ele como estranho: aparentemente a raça humana não pode suportar a si própria, não pode reconciliar-se consigo própria.

Paralelamente à violência, que ela dirige aos outros seres vivos, existe uma violência peculiar à humanidade, que ela dirige contra si própria. É como se por meio desta violência auto-infligida, os indivíduos se preparassem para, de agora em diante, se tornar sobreviventes de alguma grande catástrofe iminente. Como se, sempre se sentindo orgulhosa e convencida de sua superioridade, a humanidade ainda assim se ressentisse do processo evolucionário que a elevou à sua posição privilegiada e a impulsionou, de alguma maneira, além de seus limites naturais sob a forma de espécie¹⁸¹.

Uma vez que o humano não é mais definido em termos de transcendência e liberdade, mas em termos de funções e de equilíbrio biológico, a própria definição do humano começa a se apagar, ao lado da definição de humanismo. Baudrillard cita que o humanismo ocidental já havia sido desafiado pela irrupção de outras culturas, como no início do século XVI. Agora o assalto não é somente contra uma cultura particular, mas contra toda a espécie: para ele existe uma desregulação antropológica, que ao lado da desregulação de todos os códigos morais, jurídicos e simbólicos em que se fundava o humanismo. Para ele seria tanto o capital individual quanto o capital da espécie estão ameaçados pela erosão dos limites do humano, pela descida rumo não somente ao inumano, mas rumo a algo que não é nem humano nem inumano: isto é, a simulação genética da vida¹⁸².

Uma sociedade que compele à disciplina do trabalho, disciplina de um tipo que só é tolerável quando seus membros são induzidos a valorizar o trabalho pelo próprio trabalho e na qual a ordem social é exploratória, amiúde se transforma numa competitiva e, portanto,

¹⁸¹ BAUDRILLARD, J. A Ilusão Vital. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p.24-25.

¹⁸² BAUDRILLARD, J. A Ilusão Vital. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p.28-29.

divisória, é uma sociedade que tem de reprimir e de

dirigir o desejo de prazer para fins individuais limitados; daí resultando que tal desejo fonte de frustração e de destruição. Em contraste a isso, “O abandono impuro e irracional às relações sexuais representaria a mais intensa entrega ao prazer como tal, bem como equivaleria à total desvalorização do trabalho-pelo-próprio-trabalho.” Pois esse abandono tornaria os indivíduos conscientes de sua total falta de satisfação no processo do trabalho e, desse modo, os levaria a não mais tolerar a ordem social burguesa. Outrossim, existindo a ordem social burguesa, a sexualidade deve ser frustrada¹⁸³.

Os valores universais na esfera da modernidade foram aniquilados, dizimados. Não há mais valores de transcendência, estamos num funcionamento total, operacional, estratégico. Valores como a democracia ou direitos humanos são instrumentalizados a serviço da própria superpotência, que age em contraponto ou mesmo em contradição com seus próprios valores¹⁸⁴. A ideia de progresso desapareceu, mas o progresso continua. A ideia de riqueza que sustenta a produção desapareceu, mas a produção continua firme. Ao contrário, ela acelera-se à medida que torna-se indiferente as suas finalidades de origem¹⁸⁵. Tantas coisas são produzidas e acumuladas que nunca mais terão tempo de servir, tantas mensagens e sinais serão difundidos, que nunca mais terão tempo de ser lidos¹⁸⁶.

Baudrillard fala de um crescimento excessivo, e não de crescimento, podendo esse formato “invadir a teoria social da fábrica, da economia ou da produção”. Esta seria uma superprodução que ninguém entende, mas que nesse momento encontra

¹⁸³ MACINTYRE, A. As Ideias de Marcuse. São Paulo: Ed. Cultrix, 1970, p.17.

¹⁸⁴ BAUDRILLARD, J. Abre Aspas – Diálogos Contemporâneos por Fernando Einchenberg. São Paulo: Globo, 2006, p.56.

¹⁸⁵ BAUDRILLARD, J. A Transparência do Mal – Ensaio sobre os fenômenos extremos. Campinas: Papirus, 1992, p.12.

¹⁸⁶ Ibidem, p.39.

uma lógica em sua proliferação¹⁸⁷. Defende que iremos emergir uma espécie de energia irreduzível. Quanto mais o sistema se globaliza, mais cria discriminações. Essa globalização é também uma fratura total; cada vez mais haverá dois universos paralelos que não terão mais nada em comum. Há nisso uma tensão potencial muito forte. E há uma resistência por todo lado e em todos os níveis contra essa homogeneização total¹⁸⁸.

Se chegarmos ao fim dessa globalização, será a fase terminal, a solução final, a abolição de toda singularidade. Por meio do sistema escolar, da mídia, da cultura e da informação de massa, seres singulares tornam-se cópias idênticas um dos outros. É este tipo de clonagem – clonagem social, a reprodução industrial de coisas e pessoas – que torna possível a concepção biológica do genoma e da clonagem genética, que apenas sanciona a clonagem do comportamento humano e da cognição humana¹⁸⁹. Em cada sociedade e em cada indivíduo há algo que resiste a isso, que diz “não”, há uma espécie de cálculo integral do mundo, que Baudrillard chama de realidade integral: o pensamento só terá sentido se criarmos uma espécie de resistência¹⁹⁰.

O que outrora para os filósofos se chamou vida converteu-se na esfera do privado e, em seguida, apenas do consumo, a qual, como apêndice do processo material da produção, se arrasta sem autonomia e sem substância própria. Quem quiser experimentar a verdade sobre a vida imediata deve indagar a sua forma alienada, os poderes, objetivos que determinam, até ao mais recôndito, a existência individual. Falar com

¹⁸⁷ BAUDRILLARD, J. The Power of Reversibility That exists in the Fatal. In GANE, M. Baudrillard Live: Selected interviews. Londres e Nova York: Routledge, 1993, p.43.

¹⁸⁸ BAUDRILLARD, J. Abre Aspas – Diálogos Contemporâneos por Fernando Einchenberg. São Paulo: Globo, 2006, p.57.

¹⁸⁹ BAUDRILLARD, J. A Ilusão Vital. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p.31.

¹⁹⁰ BAUDRILLARD, J. Abre Aspas – Diálogos Contemporâneos por Fernando Einchenberg. São Paulo: Globo, 2006, p.50.

imediatadedo imediato dificilmente é comportar-se de

modo diverso dos escritores de novelas que enfeitam as suas marionetes com as imitações da paixão de outrora, quais adornos baratos e que deixam atuar personagens que nada mais são do que peças ad maquinaria, como se ainda pudessem agir enquanto sujeitos e algo dependesse da sua ação. A visão da vida transferiu-se para a ideologia que cria a ilusão de que já não há vida. Mas a relação entre a vida e a produção, que degrada efetivamente aquela a um fenómeno efêmero desta, é de todo absurda. Invertem-se, entre si, o meio e o fim. Ainda não se eliminou totalmente da vida a suspeita do inconsequente quid pro quo. A essência reduzida e degradada luta tenazmente contra o seu encantamento de fachada¹⁹¹.

A alteração das relações de produção depende prioritariamente do que ocorre na esfera do consumo, na simples forma reflexa da produção e na caricatura ad verdadeira vida: na consciência e inconsciência dos indivíduos. Só em virtude da oposição à produção, enquanto não de todo assimilada pela ordem, podem os homens suscitar uma produção mais dignamente humana da mesma forma como se pode ressignificar a própria existência. Se de todo se eliminar a aparência da vida, que a própria esfera do consumo com tão más razões defende, triunfará, então, o malefício da produção absoluta.

¹⁹¹ ADORNO, T. *Minima Moralia*. Lisboa: Edições 70, p.4